

OBSTÁCULOS CONTRA A VERDADEIRA MATURIDADE ESPIRITUAL

Pastor Pierre Rosa

Muito se debate a respeito da verdadeira maturidade espiritual. Uns acreditam que experiências sobrenaturais são responsáveis por trazer uma espiritualidade elevada. Outros creem que a observação de uma lista de regras (normalmente composta por líderes religiosos) é essencial para o desenvolvimento de um relacionamento sadio com Deus. A Bíblia, entretanto, é clara em relação a esse assunto: Experiências milagrosas são subjetivas e questionáveis; e rituais religiosos impressionam mais aos homens do que a Deus.

É isso que o apóstolo Paulo escreve aos crentes coríntios em sua primeira epístola. O autor usa uma ilustração interessante no fim do capítulo 9 de 1 Coríntios. A disciplina necessária para o cristão que deseja amadurecer é comparada à rotina de um atleta olímpico (1 Cor. 9:24-27). O assunto em pauta é a pergunta feita ao apóstolo em relação às carnes sacrificadas a ídolos pagãos. Seria lícito ao cristão comê-las ou não (1 Cor. 8:1). Mais especificamente, a dúvida dos membros da igreja em Corinto era em relação à maturidade espiritual de quem comia e de quem deixava de comer (1 Cor. 8:8). O apóstolo responde da seguinte maneira: Mais importante do que ter o conhecimento a respeito do assunto é exercer o amor... e o verdadeiro amor tudo suporta (1 Cor. 13:7). Por vezes seria necessário abdicar da liberdade de comer a tal carne por amor do bem-estar dos outros (1 Cor. 8:13)

A partir do capítulo 10, Paulo muda um pouco o discurso, mas o assunto continua o mesmo. Leia 1 Cor. 10:1-13. Numa corrida com obstáculos o atleta tem de saltar um série de barras para alcançar o alvo. Se o objetivo é a verdadeira maturidade espiritual (esse é o desejo de Paulo para seus leitores - confira 1 Cor. 1:10), o crente deve atentar para quatro obstáculos específicos: a idolatria, a imoralidade, a insolência e a ingratidão. Paulo agora explica uma maneira correta de medirmos medirmos nossa espiritualidade. Ele faz isso usando o Antigo Testamento, citando o exemplo da geração do êxodo (os

patriarcas de Israel que saíram do Egito) e de como eles foram afetados pelos quatro inibidores do amadurecimento espiritual. Vejamos as explicações:

I. A idolatria distancia a Deus (10:7).

O autor da epístola faz uma referência ao livro de Êxodo, capítulo 32. Moisés havia subido ao monte Sinai para falar com Deus. Quando o povo viu que ele demorava, persuadiu Arão que fabricasse ídolos a quem atribuíssem os milagres no Egito, incluindo a passagem pelo mar vermelho (Êx. 32:1-3). Arão deu um péssimo exemplo de liderança ao concordar em fazer a vontade do povo. Repare que ele mesmo deu as instruções aos israelitas (Êx. 32:2), e confeccionou a imagem (verso 4). Os israelitas, então passaram atribuir seu livramento milagroso à imagem recém-fabricada. Arão, confundido, instituiu uma festa ao Senhor, sem que ninguém o tivesse instruído a isso (verso 5). O texto citado por Paulo é Êx. 32:6. Repare na tristeza de Deus com a idolatria do povo, que resulta em disciplina (Êx. 32:7-10). A disciplina foi a morte “de uns três mil homens” (verso 28), e a retirada da presença de Deus do meio deles (Êx. 33:2-3). A idolatria do povo fez com que Deus se distanciasse.

A igreja em Corinto fazia parte de numa sociedade extremamente idólatra. Porém, a ordem era para que os cristãos fossem distintos da sociedade. A tentação em atribuir as obras de Deus (incluindo a salvação do homem) a outra pessoa era grande. A pressão da sociedade era forte.

Assim como nos nossos dias, a tentação do cristão em fabricar um deus segundo a imagem do homem também é grande. Quando associamos os atributos divinos a outra criatura cometemos idolatria. Embora em alguns lugares do mundo, como no Brasil, ídolos de madeira e pedra (imagens) são comuns, os mais conhecidos ídolos da nossa sociedade são o sonho americano (dinheiro, fama, popularidade e sucesso) e o próprio homem.

Muitos abandonam a Deus e se envolvem em algum tipo de idolatria depois de concluir que Deus não agiu da maneira esperada. Por exemplo; muitos pregam que Deus é obrigado a dar tudo o que o homem quer; e/ou que a vida com Deus é sempre tranquila. Pessoas acreditam nisso e aceitam um falso evangelho. Quando as dificuldades vêm, a frustração é tanta que muitos abandonam a fé (que na verdade nunca depositaram no Deus verdadeiro). Não foi exatamente isso que aconteceu com a ger-

ação do êxodo?

II. A imoralidade desagrada a Deus (10:8). O segundo mandamento apostólico é contra a imoralidade sexual (do verbo grego porneia). A idolatria dos israelitas os levou à prática de orgias, provavelmente em culto ao bezerro dourado. Mas especificamente, Moisés relata, no livro de Números 25:1-9, que a geração do êxodo “se prostituiu com as filhas dos moabitas” (Num. 25:1). Esse era o costume dos egípcios, mas os israelitas haviam sido separados por Deus para serem diferentes. O deserto era uma fase de aprendizado, onde eles recebiam instruções divinas de como serem um povo distinto. Por causa da imoralidade de seu povo Deus se desagradou. Repare que a ira do Senhor se acendeu contra Israel (Num. 25:3).

Os cristãos em Corinto também tinham de ser distintos do mundo. Prostituição era muito comum na cidade, imoralidade sexual tinha afetado a igreja (1 Cor. 5:1). Mas a ordem é clara: Não cometam esse pecado. Embora o apóstolo deixasse claro que a comer ou não comer não eleva a espiritualidade do crente, existia o risco do crente se envolver com a imoralidade ao ir ao templo pagão comprar a carne. Por isso a advertência em forma de mandamento. É interessante Paulo colocar o mandamento na primeira pessoa do plural: “Não pratiquemos...” Isso porque ele não estava isento da tentação por ser apóstolo.

Não é difícil entender que a imoralidade sexual desagrada a Deus. Ninguém está isento da tentação nessa área. Ouvi a história de um professor de seminário, já idoso, que deu uma resposta interessante a um aluno bem mais novo. O aluno queria saber com qual idade o homem parava de ser tentado sexualmente. O professor, de oitenta anos, disse que quando chegasse nessa idade o informaria!

Embora o cristão esteja livre de qualquer restrição de dieta, deve estar sempre alerta para não cair em pecado usando a liberdade. É preciso “em tudo se dominar” (1 Cor. 9:25). Somos livres para frequentar os lugares que quisermos, ver os filmes que quisermos, ouvir as músicas que quisermos, mas além de considerar o testemunho (1 Cor 10:23-24), devemos atentar para não nos colocarmos em situações de tentações desnecessárias. Sempre que ouço a respeito de pessoas que caíram em pecado de imoralidade sexual (adultério, incesto, etc.), a causa sempre é uma “olhadinha” casual. Com homens o pensamento é “vou dar uma ‘passadinha’ nesse website”,

ou “vou dar uma ‘breve olhada’ na sessão de revista masculina”. Com as mulheres, geralmente o argumento é: “não há nada de mal num ‘bate-papo’ entre dois colegas de trabalho” – mas o bate-papo é num restaurante romântico, depois do expediente. O casamento já não vai tão bem, e o colega de trabalho dá a atenção que o marido não dá em casa...e quando menos se espera o adultério já aconteceu no coração. É só uma questão de tempo para a imoralidade se concretizar.

Não devemos andar em território perigoso, onde a tentação é abundante, em nome da liberdade cristã. O exemplo de Israel é claro. Para o povo do êxodo o envolvimento com as mulheres midianitas começou com uma pequena aproximação. O crente maduro entende que, apesar de ser livre para fazer o que quer, evita certos comportamentos e atitudes porque o risco de desagradar a Deus já o constrange.

III. A insolência descontenta a Deus (10:9).

O terceiro imperativo é uma referência do desaforo do povo para com o seu Redentor e contra o líder, o que resultou na morte de mais alguns (Num. 21:4-6). Repare que os israelitas se tornaram impacientes no caminho. A impaciência resultou em atitudes que descontentaram a Deus. Eles desprezaram o seu resgate no Egito (Num. 21:5), onde eram escravos e andavam oprimidos. Seus corações se endureceram porque o plano de Deus era diferente dos seus. Por isso eles não consideraram que estavam a caminho da terra prometida, que mana leite e mel. Mas por enquanto a providência de Deus era o Maná. O resultado foi o descontentamento de Deus e a execução de muitos.

Quando li os textos de Êxodo e Números pela primeira vez fiquei muito intrigado. Pensei: “De fato, porque Deus tiraria o povo do Egito para depois matar muitos deles no caminho, só porque pecaram?” Talvez alguns dos leitores tenham a mesma questão. A resposta está na demonstração da graça de Deus. Ele decidiu trazer os dissidentes para casa mais cedo para que eles não pecassem mais e não influenciassem os outros a pecarem. O mesmo acontece hoje. Muitos cristãos rebeldes morrem de forma prematura... por causa da graça divina. Mas não necessariamente perdem a sua salvação (se são realmente convertidos) por causa da